Pércio de Moraes Branco

GUIA de redação para a área de Geociências

2ª edição revista, atualizada e ampliada

oficina de textos

Pércio de Moraes Branco

GUIA

de **redação** para a área de **Geociências**

2ª edição revista, atualizada e ampliada

oficina de textos

Copyright © 2014 Oficina de Textos

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Conselho editorial Cylon Gonçalves da Silva; Doris C. C. K. Kowaltowski; José Galizia Tundisi; Luis Enrique Sánchez; Paulo Helene; Rozely Ferreira dos Santos; Teresa Gallotti Florenzano

Capa e projeto gráfico Malu Vallim

Diagramação Maria Lúcia Rigon

Preparação de textos Carolina A. Messias

Revisão de textos Hélio Hideki Iraha

Impressão e acabamento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Branco, Pércio de Moraes
Guia de redação para a área de geociências /
Pércio de Moraes Branco. -- 2. ed. -- São Paulo : Oficina de Textos, 2014.

Bibliografia
ISBN 978-85-7975-156-1

1. Língua portuguesa - Gramática 2. Relatórios - Redação I. Título.

14-09122 CDD-469.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Português : Gramática : Linguística 469.5

Todos os direitos reservados à Editora Oficina de Textos
Rua Cubatão, 959
CEP 04013-043 São Paulo SP
tel. (11) 3085-7933 (11) 3083-0849
www.ofitexto.com.br atend@ofitexto.com.br

sumário

Introdução

1 A língua portuguesa e o nosso trabalho 13

2 Algumas regras para redação de trabalhos técnicos 15

3 Revisão de textos 19

4 O uso do dicionário 21

5 Transcrições e citações 30

6 Traduções 35

7 Nomes de minerais 53

8 O correto emprego de algumas palavras 61

9 Gênero de algumas palavras 83

10 Hífen 89

11 Plural de substantivos e adjetivos compostos 103

12 Plurais especiais 108

13 Antropônimos, topônimos e adjetivos pátrios 110

14 Emprego de algumas locuções 118

15 Siglas e abreviaturas 128

16 Iniciais maiúsculas e minúsculas 135

17 Pronúncia de algumas palavras 138

18 Números 145

19 Unidades de medida e seus símbolos 152

20 Conjugação de alguns verbos 158

21 Emprego de alguns verbos 166

22 Alguns casos de concordância 172

23 Sinais de pontuação 176

24 Acentuação gráfica 183

25 Crase 187

Aurélio Buarque de Holanda, os dicionários e eu 193

Antônio Houaiss e eu 195

Vocabulário 198
Bibliografia consultada 214
Índice remissivo 218

introdução

O objetivo principal deste guia é esclarecer dúvidas que frequentemente surgem na redação de relatórios e outros trabalhos técnicos na área de Geociências.

Os tópicos aqui abordados foram selecionados dentre aqueles que interessam de modo mais ou menos específico às atividades técnicas dos profissionais das Ciências da Terra. Por isso, para assuntos mais genéricos, pode ser necessário consultar uma gramática. Este guia, aliás, não dispensa o uso de um bom e moderno dicionário e de uma gramática igualmente moderna.

Alguns dos assuntos tratados são de natureza puramente gramatical, outros são essencialmente técnicos, e outros ainda têm um caráter misto.

Além da bibliografia relacionada no final, foram consultados, durante a preparação deste guia, professores de português, geólogos de diversas áreas de especialização e outras fontes de informação.

Citamos, na obra, numerosas vezes, o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (quinta edição), que representa a posição oficial da Academia Brasileira de Letras, usando, para isso, a sigla *Volp*. Também citamos várias vezes o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990*, identificado como *Aolp*.

Mencionamos ainda com frequência o *Novo Aurélio século XXI*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (terceira edição), e o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, de Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar. Os autores e suas duas obras são citados neste guia como Aurélio e Houaiss, respectivamente, usando-se grifo quando se trata da obra.

No final do *Guia*, há um vocabulário com quase mil palavras que deve ser consultado pelo leitor interessado em conhecer a correta pronúncia ou grafia de determinado termo sem se deter em explicações sobre o assunto.

Dispomo-nos a rever com atenção erros e omissões de qualquer natureza que sejam encontrados pelos leitores, do mesmo modo como aceitamos qualquer sugestão que vise melhorar a qualidade deste trabalho ou torná-lo mais útil.

1

A língua portuguesa e o nosso trabalho

Mesmo com um sistema ortográfico *simplificado*, *científico e sistemático* (Cegalla, 1979), sabemos todos que nossa língua é muito complexa. São tantas as regras e exceções que fica difícil, mesmo para quem foi bom aluno e teve bons professores, falar e escrever corretamente.

As provas dessa complexidade são muitas e bem conhecidas. Por exemplo:

a] a letra *x* pode ter som de *z* (*exame*), *ch* (*xadrez*), *cs* (*ônix*) e *ss* (*próximo*). Mas pode não ter som nenhum, como em *exceção*. Já o som *z* pode ser representado por *x* (*exame*), *s* (*casa*) e *z* (*zebra*).

b] a parte da Fonética que trata da correta pronúncia das palavras chama-se *Ortoepia*, que podemos pronunciar também *Ortoépia*.

c] o plural dos substantivos terminados em *ão* pode ser feito de três formas diferentes. E, para alguns, as três formas são válidas (ex.: *aldeões*, *aldeães* e *aldeãos*).

d] *bem-me-quer* escreve-se com hífen, mas *malmequer*, não. (E ambos designam a mesma flor.)

Além disso, há ainda as frequentes divergências entre os gramáticos e os equívocos das normas oficiais.

Essas dificuldades tornam compreensível a impaciência, a irritação e a má vontade com que às vezes encaramos o trabalho de escrever. No entanto, elas não nos dão o direito de ignorar – muito menos de desrespeitar conscientemente – as regras gramaticais ou de abandonar o uso do dicionário e da gramática. O que podemos e

2

Algumas regras para redação de trabalhos técnicos

Os documentos gerados nas atividades ligadas às ciências da Terra são quase sempre textos de natureza técnica ou científica. Procure, por isso, seguir as regras adiante.

Documentos técnicos devem ser claros, precisos, concisos e objetivos. Preocupe-se não em escrever bonito, e sim em escrever de modo claro, resumido e natural.

Veja um exemplo real, tirado de uma obra não especializada, em que faltou clareza:

Sigla é a redução braquigráfica literal, braquigrama, consistente das letras iniciais do abreviando, locucional ou circunloquial.

Prefira parágrafos curtos, frases curtas, palavras curtas. Veja outro exemplo, também real, em que isso não foi feito:

Os EIAs e o respectivo RIMA servem para estabelecer a Avaliação de Impacto Ambiental, que é um instrumento de política ambiental formado por um conjunto de procedimentos que visa assegurar, desde o início do processo, a realização do exame sistemático dos impactos ambientais de uma determinada ação proposta (projeto, programa, plano ou política) e de suas alternativas, onde os resultados sejam apresentados de forma adequada ao público e aos responsáveis pela tomada de decisão, sendo, desta forma, por eles devidamente considerados antes que a decisão seja tomada.

Tenha cuidado com frases de sentido ambíguo, principalmente aquelas com os possessivos *seu(s)* e *sua(s)* ou com negações sucessivas.

3

Revisão de textos

Após redigir seu texto, não deixe de revisá-lo todo, fazendo (ou pedindo a alguém que faça) duas revisões separadas, uma de forma e outra de conteúdo.

Ao receber do digitador o texto que você redigiu, revise-o de novo.

Faça as correções de modo a não deixar dúvidas quanto às modificações que deseja introduzir. Palavras ou frases que você queira eliminar deverão ser riscadas, e não colocadas entre parênteses, para deixar bem clara sua intenção de excluí-las.

Você pode assinalar na margem direita as linhas em que há correções a fazer ou executar ali as próprias correções. Se o texto estiver encadernado, faça a marcação nas margens externas (margem direita das páginas ímpares e margem esquerda das páginas pares).

Se o texto for composto em duas colunas por página, use as margens à esquerda da primeira coluna e à direita da segunda.

Ao devolver o texto para correção, peça ao responsável pela digitação que não apague as anotações feitas nas margens, do contrário será difícil verificar se as correções foram realmente feitas e se não surgiram novos erros ao corrigir os antigos.

Devolva, junto com o texto digitado, seu rascunho original, para que o digitador veja por que errou e se foi dele realmente o erro.

4

O uso do dicionário

Para aprender português sozinho, melhor que uma boa gramática ou um bom dicionário, só mesmo os dois juntos. Por isso, procure ter sempre à mão esses dois tipos de livro.

A escolha do dicionário

A consulta a qualquer dicionário, mesmo que não seja dos melhores, é sempre preferível a permanecer com a dúvida. É óbvio, porém, que o ideal é consultar um dicionário de boa qualidade.

Pasquale Cipro Neto (2007) dá uma clara orientação sobre a escolha de um bom dicionário:

> Se for para uso "fora de casa", um míni ou mídi vão bem. [...] Dicionário pequeno é quebra-galho, por isso não pode entrar em casa, para que não se tenha a doce ilusão de que se tem dicionário no lar. [...]
> O dicionário de casa tem de ser dos grandes. [...] Vai dos brasileiros encontradiços (*Aurélio*, *Michaelis*, *Houaiss*, o [ótimo] da Unesp, dirigido pelo professor Francisco Borba) aos portugueses (também encontrados por aqui [...]). [...]
> Durante muito tempo, o rei dos dicionários brasileiros foi um português.
> Gerações e gerações consultaram o dicionário de Caldas Aulete, que tinha nada mais nada menos do que cinco volumes e foi editado até a década de 60. [...] Com o fim do reinado do *Caldas Aulete*, o trono passou para o *Aurélio*, que há pelo menos 40 anos é sinônimo de dicionário. A obra não tem a mesma profundidade do *Houaiss*, mas atende as necessidades básicas de quem o consulta. [...] Se você não precisa do caráter enciclopédico do *Houaiss*, vá de *Aurelião*, como é chamado há décadas.
> O dicionário *Michaelis* é o mais "simples" dos três, o que não quer dizer que faça feio ou deixe na mão quem o consulta. Só não se

usaram, em seus livros, cerca de 6.000, e Coelho Neto, três vezes mais. O *Aurelião* tinha cerca de 100.000 verbetes na primeira edição, aumentados para cerca de 150.000 na segunda e 168.000 na terceira (*Novo Aurélio século XXI*). O *Houaiss* trouxe, já em sua primeira edição, cerca de 228.500 verbetes. O *Michaelis* surgiu em 1998, com mais de 220.000 verbetes.

Não confunda o *Novo dicionário da língua portuguesa* (*Aurelião*) com o *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*, que, na década de 1950, foi revisto e aumentado pelo autor do primeiro. Este último, produzido por Hildebrando de Lima, em 1941, foi reeditado muitas vezes até ser publicado o *Aurelião*, mas deixou de contar com a participação ou coautoria de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira em 1959, embora seu nome continuasse aparecendo na obra. Aurélio sentia-se inclusive muito incomodado por ser considerado autor daquele dicionário. *Esse é um assunto que hoje só me traz aborrecimento e decepção. Renego este livro* (Ferreira, 1978).

Saiba também que Aurélio (Ferreira, informação verbal, s.d.) fazia restrições ao dicionário de português de Silveira Bueno, editado pelo Ministério da Educação e Cultura (Fename).

A Geologia nos dicionários brasileiros da língua portuguesa

A desatualização do *Caldas Aulete* é particularmente importante para geocientistas porque ele traz um grande número de nomes de minerais que simplesmente inexistem nos manuais de Mineralogia. A Lexikon Editora Digital está promovendo sua atualização, mas editou apenas, até agora, a versão míni.

A qualidade de um dicionário de português pode ser avaliada em parte pelo nível e quantidade de especialistas que participaram de sua organização. O *Aurélio* surgiu com o trabalho de 37 especialistas, incluindo até peritos em charadismo e cruzadismo, capoeira e equitação. Embora conte com bom número de termos técnicos de Geologia, a equipe de especialistas relacionada na obra não inclui

5

Transcrições e citações

Na redação de trabalhos técnicos, frequentemente se faz necessário ou conveniente citar dados ou transcrever trechos de outros autores. Apresente essas informações seguindo as regras adiante.

Transcrições

Respeite sempre a integridade do trecho transcrito e, é óbvio, a ideia que o autor quis transmitir. A única modificação admissível é a correção de erros gramaticais.

Use aspas ou itálico (grifo)* nos trechos transcritos. Para citações longas, que são as com mais de três linhas, segundo a ABNT (2002b), são usados, de acordo com essa mesma associação:

a] recuo de 4 cm da margem esquerda;
b] tipo menor que o do restante do texto, redondo (isto é, normal, sem itálico ou negrito) e sem aspas.

Ao transcrever parte de uma frase, adapte a redação da *sua* frase de modo a haver perfeita concordância com aquela que está sendo transcrita.

Ex. (errado): Em seu relatório de viagem, Moraes (1970) ressalta que *tive a oportunidade de falar pessoalmente com o garimpeiro que descobriu a ocorrência*.

Ex. (correto): Em seu relatório de viagem, Moraes (1970) ressalta que *teve a oportunidade de falar pessoalmente com o garimpeiro que descobriu a ocorrência*.

*A palavra *grifo* vem de Francesco Griffo, o primeiro a usar esse tipo de letra, em 1501. No início, as letras inclinadas eram chamadas de venezianas ou aldinas. Depois, foram chamadas de itálicas.

6

Traduções

O grande volume de bibliografia editada em língua estrangeira que se usa na área das Geociências não raro gera dúvidas quanto à melhor forma de se traduzirem determinados termos técnicos.

Abordamos, neste capítulo, algumas regras e alguns casos específicos relacionados com o tema.

Traduzir ou não traduzir?

Em caso de dúvida, é sempre melhor conservar a palavra ou expressão na forma original, entre aspas ou grifada, do que traduzi-la mal. *As palavras de ciência são internacionais, inevitáveis, e não convém desfigurá-las, muito menos substituí-las por outras*. (Ribeiro, J. *apud* Luft, 1975a).

Substantivos derivados de nomes próprios estrangeiros

A tradução deve, em princípio, preservar inalterada a raiz da palavra (o nome próprio), adaptando apenas a terminação. Esse é o caso, por exemplo, de centenas de nomes de minerais e rochas, que conservam inalterada a raiz e recebem as terminações *ita* (minerais) ou *ito* (rochas).

Ex.: *bytownita* (de Bytown), *brookita* (de Brook), *kimberlito* (de Kimberley), *charnockito* (de Charnock), etc.

A tendência da nossa ortografia é aportuguesar os vocábulos estrangeiros. Se o *Volp* registrar apenas a forma aportuguesada, deve-se adotar esta. Se registrar tanto a forma que preserva o radi-

7

Nomes de minerais

Pela frequência com que são empregados, os nomes de minerais merecem especial atenção. Este capítulo apresenta algumas regras específicas para essas palavras.

Para escrever corretamente nomes de minerais e rochas, além de outros termos geológicos, leia também o que se diz no item "Substantivos derivados de nomes próprios estrangeiros" (Cap. 6, p. 35).

Terminações *-ita* e *-ito*

Não use, para nomes de minerais, a terminação *-ite,* embora ela seja empregada por geólogos de Portugal e tenha sido adotada também no Brasil, antigamente.

O uso atual é *-ita* para minerais e *-ito* para rochas, ainda que o *Volp* registre *paligorskite*, por exemplo.

Usa-se comumente *grafite* para designar o material utilizado nos lápis; em Mineralogia, porém, usa-se *grafita*.

Minerais com dupla denominação

Alguns minerais possuem dois ou mais nomes, dos quais deve ser usado aquele reconhecido pela International Mineralogical Association. A lista a seguir apresenta alguns desses casos.

Use:

allanita	e não ortita
analcima	e não analcita
anatásio	e não octaedrita
arsenopirita	e não mispíquel
asbesto	e não amianto
bromargirita	e não bromirita
celestina	e não celestita

8

O correto emprego de algumas palavras

São muitas as palavras que nos deixam em dúvida com relação ao significado ou modo de emprego, sejam termos técnicos ou não. Neste capítulo, apresentam-se algumas daquelas em que costumamos tropeçar com mais frequência.

Termos técnicos

Acamamento/acamadamento

O *Volp*, o *Aurélio* e o *Houaiss* registram *acamamento*, mas não *acamadamento*. Este é, porém, um daqueles casos em que a palavra, como ensinava Celso Luft (1970), *existe como possibilidade*, *está dentro das normas morfológicas* e pode, portanto, ser usada.

Bandado/bandamento

Aurélio e *Houaiss* não registram *bandado* ou *bandeado*, nem *bandamento* ou *bandeamento*. Mas registram *bandar*, significando *prover de banda* (faixa, lista). Prefira, portanto, *bandado* e *bandamento*.

Branco/incolor

Não cometa o erro primário de chamar de branco o que é incolor. *Branco* é o corpo que reflete todas as cores; *incolor* é o que deixa passar todas as cores. Um corpo branco é necessariamente opaco; um corpo incolor é necessariamente transparente (mas não use *transparente* querendo dizer *incolor*).

Cadastro/Cadastramento

Cadastro não é sinônimo de *cadastramento*. *Cadastramento* é o trabalho de preparação de um *cadastro*. Assim como a amostragem gera

Terraplenagem/terraplanagem

No *Houaiss*, esses termos são sinônimos, com preferência por *terraplenagem*. Sacconi (1990), porém, faz distinção entre eles. Para ele, *terraplenagem* é o *ato ou efeito de encher de terra um vão ou uma cavidade* (isto é, tornar *pleno de terra*). Já *terraplanagem* é o *ato ou efeito de terraplanar*, ou *seja, de tornar plano um terreno* (Sacconi, 1990). (Nesse sentido, é sinônimo de *aplainamento* e *aplanamento*.)

Terras-raras

Terras-raras são óxidos, não elementos químicos. Os lantanídios, com o escândio e o ítrio, constituem os *elementos de terras-raras* (*ETR*); seus óxidos é que são as terras-raras.

Voçoroca/boçoroca

O *Aurélio* define tanto *voçoroca* quanto *boçoroca*, dando a essas palavras significados semelhantes, mas não iguais. O *Houaiss* as considera sinônimos, preferindo *voçoroca*. Faça como ele, pois é a forma mais usada (Guerra, 1972).

As formas *vossoroca* e *bossoroca* não estão corretas (ver item "Nomes indígenas", p. 77).

Outras palavras

Afim/a fim

A fim equivale a *com o fim*. *Afim* traduz afinidade.

Ex.: *Coletou-se uma amostra a fim de determinar a composição química.*

Granitos, granodioritos, sienitos e qualquer outra rocha ígnea afim mostram grande quantidade de feldspato.

Alguns diminutivos especiais

asteroide	é diminutivo de astro
casebre	é diminutivo de casa
fascículo	é diminutivo de feixe
grânulo	é diminutivo de grão
lajota	é diminutivo de laje

9

Gênero de algumas palavras

Masculino ou feminino? Essa dúvida não é das mais frequentes, mas surge às vezes. Em certos casos, não temos dúvida e escrevemos com toda segurança, só que errado.

O que define o gênero de uma palavra é o uso. As palavras não têm sexo; têm gênero. O vocábulo cadeira não é feminino porque em seu âmago existe uma palavra feminina. É feminino simplesmente porque o uso o consagrou como tal (Cipro Neto, 2005a).

Embora as palavras femininas muitas vezes terminem em *-a*, as que terminam em *-ma* são geralmente masculinas (*sistema, esquema, telefonema*, etc.).

Das palavras terminadas em *-anha,* 99% são femininas (Moreno, 2004), o que explica a forte tendência a se usar *champanha* no feminino.

Adjetivos compostos

Os adjetivos compostos recebem a flexão feminina só no segundo elemento.

Ex.: rocha amarelo-*clara*, entidade luso-*brasileira*.

Aluvião, coluvião e eluvião

O *Houaiss* atribui a *aluvião*, *coluvião* e *eluvião* o gênero feminino. Para *aluvião*, porém, informa que a tendência é usar essa palavra no masculino tanto no Brasil quanto em Portugal. Por uma questão de coerência, e concordando com o *Volp*, use todas no feminino.

Se o gênero feminino parece-lhe muito estranho, use os sinônimos alúvio, colúvio e elúvio, que o *Houaiss* registra como masculinos.

10

Hífen

> O emprego do hífen é matéria extremamente complexa e mal disciplinada [...]. Para quem escreve, o emprego do hífen é um autêntico quebra-cabeça. [...] É um ponto da nossa ortografia que deveria ser urgentemente revisto, restringindo-se o uso desse sinal auxiliar da escrita aos casos de absoluta necessidade. (Cegalla, 1979, p. 34).

> Não importa quantas reformas venham a ocorrer nos próximos mil anos; sempre vai haver indecisão quanto ao hífen porque ele se apoia no terreno eternamente movediço que marca o limite entre a Morfologia e a Sintaxe, o limite entre o vocábulo e a locução. (Moreno, 2009).

Esperava-se que o problema do hífen, tão bem descrito por Cegalla nas frases anteriores, fosse resolvido ou pelo menos muito abrandado com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa assinado em 16 de dezembro de 1990. No entanto, o que se percebe é que ele melhorou a situação por um lado (ex.: *sub-horizontal* em lugar de *suborinzontal*), mas deixou bem pior por outro, como será visto neste capítulo.

Por complexo que seja o emprego do hífen, é necessário tentar aprender a usar esse dito traço de união, que pode muito bem ser visto como traço de separação. (Se devemos escrever *norte-americano* e não *norteamericano*, podemos interpretá-lo como traço de separação de palavras, não de união.)

Com prefixos, usa-se sempre o hífen antes de palavra iniciada por *h*.

Ex.: *anti-higiênico, pseudo-hexagonal, sub-horizontal, geo-histórico.*

Exceção: *subumano* (que, no *Volp*, aparece com dois misteriosos pontos de interrogação).

Nota: esta regra, introduzida pelo *Aolp*, veio simplificar o emprego do hífen, tornando norma, por exemplo, o que praticamente todos os geólogos já faziam, escrever *sub-horizontal* e não *suborizontal*,

Ex.: *circum-navegação, pan-americano, circum-adjacente, circum-meridiano, pan-idiomórfico*, etc.

Quando o prefixo termina por consoante, não se usa o hífen se o segundo elemento começar por vogal.

Ex.: *hiperacidez, interestratificado, interestadual, interestelar, superaquecimento, subunidade, suburbano, superorganizado*, etc.

O prefixo *com-* exige hífen antes de vogal.

Ex.: *com-aluno*.

O prefixo *bem-* exige hífen antes de palavra que tem vida autônoma na língua e quando a pronúncia mostra ser necessário.

Ex.: *bem-estar, bem-amado, bem-vindo*.

As instruções do *Volp* dizem que os prefixos *ab-*, *ad-* e *ob-* exigem hífen antes de *r*. Entretanto, o próprio *Volp* contém exemplos que contrariam a regra. Por isso, observe a seguinte orientação:

Com os prefixos *ab-* e *ob-*, use hífen quando forem seguidos de elementos começados por *r* que inicie sílaba.

Ex.: *ab-reação, ab-rogar, ob-rogável, ob-repetício, ob-ringente*.

Com o prefixo *ad-*, use hífen se for seguido de elemento foneticamente distinto que comece por *r* ou *d*.

Ex.: *ad-digital, ad-rogação, ad-rogado*.

Hífen em nomes de minerais e rochas

Antes do *Aolp*, valia a seguinte regra: *usa-se hífen nos substantivos e adjetivos compostos nos quais os elementos conservam sua autonomia fonética e acentuação própria, mas perderam sua significação individual, constituindo uma unidade semântica, um conceito único* (*Volp*, 1981).

Isso era fácil de entender em certos casos, mas difícil em outros. No caso de *água-marinha*, as palavras *água* e *marinha* mantêm sua autonomia fonética (não tiveram a pronúncia alterada) e a acen-

11

Plural de substantivos e adjetivos compostos

Não é fácil a formação do plural dos substantivos compostos (Cunha, 1978, p. 130).

Esse é, de fato, assunto complexo que gera frequentes dúvidas. Algumas regras são simples, outras são pouco precisas e admitem várias exceções. Além disso, como se vê no *Aurélio*, existem dois plurais aceitáveis para substantivos como *seção-tipo*, *ano-base*, *morro-testemunho* e muitos outros.

Antes de tudo, deve-se verificar se se trata de um substantivo ou de um adjetivo composto. A regra para formação do plural de um substantivo composto constituído de adjetivo + substantivo não é a mesma que se usa para um adjetivo constituído dos mesmos elementos.

Substantivos

Vai para o plural só o primeiro elemento quando:

- dois substantivos estão unidos pela preposição *de*.

  Ex.: *mãos de obra*, *quedas-d'água*, *chapéus de ferro*, *pedras da lua*, *jades do transvaal*, *bálsamos do canadá*, *rosas do deserto*, *espatos da islândia*, *carvões de pedra*, etc.

  Nota: em alguns casos, o segundo elemento já está no plural. Ex.: *rosa dos ventos* (pl. *rosas dos ventos*), *mestre de obras* (pl. *mestres de obras*).

- o segundo elemento determina ou limita o primeiro ou dá uma ideia de finalidade ou semelhança.

  Ex.: *anos-luz*, *carvões-vapor*, *elementos-traço*, *fósseis-guia*, *fósseis-índice*, *localidades-tipo*, *mapas-base*, *mapas-múndi*, *mine-*

12

Plurais especiais

Alguns substantivos assumem, no plural, forma e pronúncia pouco usuais.

Ex.: *caráter* (com acento e paroxítono) fica *caracteres* (sem acento, com um segundo *c* e igualmente paroxítono).

Exemplos semelhantes são:

júnior - juniores (niô)

sênior - seniores (niô)

esfíncter - esfíncteres (té)

Nota: essa regra não costuma ser seguida por profissionais da área de Informática, que usam *caractere* no singular, forma aceita pelo *Houaiss*.

Segundo Sacconi (1990), o plural de *curriculum vitae* é *curricula vitidae*, mas há autores que usam *curricula vitae*. Prefira a forma portuguesa, mais simples: *currículo(s)*.

Antes de substantivo, *nenhum* flexiona em número (*nenhuns*) do mesmo modo que *algum/alguns*.

Ex.: *Há alguns traços de flúor nas amostras de água, mas não foram encontrados nenhuns indícios de mineralização.*

Após substantivo, use o singular (*nenhum*), pondo o substantivo também no singular.

Ex.: *Não há caminho nenhum de acesso ao topo do morro.*

Bege flexiona normalmente.

Ex.: *siltitos beges*, *carros beges*.

13

Antropônimos, topônimos e adjetivos pátrios

Os antropônimos (nomes de pessoas) e os topônimos (nomes de cidades, estados, rios, etc.) estão sujeitos às mesmas regras que se aplicam aos substantivos comuns, mas possuem algumas particularidades.

Já os adjetivos pátrios parecem-nos, muitas vezes, simplesmente estranhíssimos.

Antropônimos

Se a pessoa está viva, seu nome deve ser escrito conforme consta no registro de nascimento ou como ela o usa.

Ex.: *José Sarney*.

Se a pessoa já morreu, o nome deve ser adaptado às regras gramaticais.

Ex.: *Rui Barbosa* (não *Ruy Barbosa*), *Osvaldo Cruz* (não *Oswaldo Cruz*), etc.

Jornais como *O Estado de S. Paulo* fazem essa adaptação logo após a morte da pessoa. Sendo ela personalidade de destaque, aquele jornal espera apenas o falecimento desta deixar de ser notícia para passar a escrever o nome na forma gramaticalmente correta.

Atendendo ao que foi disposto, escreva *Baltasar*, *Brás*, *Calisto*, *Carmem*, *Cátia*, *Cavalcante*, *Clarisse*, *Correia*, *Davi*, *Dejanira*, *Edgar*, *Edite*, *Elisa*, *Elisabete*, *Filipe*, *Garcês*, *Gumersindo*, *Gurgel*, *Hernâni*, *Hortênsia*, *Isabel*, *Ivã*, *Jaques*, *Judite*, *Juçara*, *Luís*, *Luísa*, *Lurdes*, *Morais*, *Neusa*, *Queirós*, *Raquel*, *Resende*, *Rubem*, *Rute*, *Sousa*, *Teresa*, *Teresina*, *Teresinha*, *Tomás*, *Vágner*, *Valdemar*, *Válter*, *Venceslau*, *Vilson*, *Vladimir*, *Zósimo*, *Zuleica*, etc.

14

Emprego de algumas locuções

Locução é uma reunião de palavras equivalentes a uma só. Muitas das que usamos com frequência são mal empregadas, seja em sua forma, seja em seu significado.

À custa de

Use no singular (*à custa de*), e não no plural (*às custas de*).

Alto e bom som

Use assim, sem preposição no início.

Anos 90/década de 90

Os *anos 90* compreendem 1990, 1991, 1992,..., 1999.

A *década de 90* compreende 1991, 1992, 1993, ...2000.

Note que a primeira década da era cristã terminou no dia 31 de dezembro do ano 10. Portanto, o século XX só terminou no dia 31 de dezembro de 2000, apesar de a chegada do novo século ter sido amplamente comemorada em 31 de dezembro de 1999.

Lembre também que o Brasil foi descoberto no século XV, em 22 de abril de 1500.

Antes de mais nada

Não use. Substitua por *antes de tudo* ou *antes de qualquer coisa*.

Ao encontro de/de encontro a

Essas locuções também têm significados diferentes, embora muitos as usem como sinônimos.

15

Siglas e abreviaturas

Os textos técnicos e científicos costumam conter formas abreviadas (*reduções* ou *braquigrafias*) que são empregadas de modo nem sempre correto ou adequado.

Definições

Abreviatura é a representação de uma palavra por meio de alguma(s) de suas sílabas ou letras. É uma redução mais ou menos fixa e tradicional e pode ser formada apenas pela letra inicial, por algumas das primeiras letras, pela primeira e pela última letra ou ainda de outras formas.

Ex.: *p.*= página
art. = artigo
ex. = exemplo
Dr. = Doutor

Abreviação é uma redução feita especialmente para uso em certa obra especializada.

Ex.: *IR* = índice de refração
U(+) = uniaxial positivo
Dur. = dureza

Sigla é uma redução que designa usualmente uma associação, empresa, órgão público, etc. São cada vez mais comuns, sobretudo na imprensa. (*O Estado de S. Paulo*, um importante jornal paulista, publicou, em 22 de outubro de 1992, uma matéria de 75 linhas com 32 siglas.)

16

Iniciais maiúsculas e minúsculas

O emprego de maiúsculas não está claramente definido, sendo frequentes as dúvidas e controvérsias. Por conta dessa indefinição, veem-se casos de uso francamente abusivo.

Ex. (real): *Através de Mapas Geológicos*, *Fotos Aéreas e viagens de Campo*, *foram calculadas as dimensões aproximadas da Jazida*.

Nessa frase, a única maiúscula que se justifica é a primeira.

Adote as regras a seguir, além daquelas aceitas por todos, lembrando que constitui erro mais grave usar minúscula quando se deve empregar maiúscula do que o contrário.

Quando usar maiúsculas

Nos nomes de ciências, artes e disciplinas.

Ex.: *Geologia*, *Biologia*, *Informática*.

Nota: use minúsculas quando o termo estiver sendo usado para designar um aspecto de uma região, de um ser vivo, etc.

Ex.: *A biologia* dos equinodermas é simples.

A *geologia* desta área é pouco conhecida.

Nos nomes de épocas, eras e períodos geológicos, em épocas históricas, em datas e fatos importantes e em nomes de festas religiosas.

Ex.: *Paleozoico*, *Permiano*, *Mississipiano*, *Natal*, *Idade Média*, *Revolução Farroupilha*, *Natal*, etc.

Use, porém, minúsculas nos adjetivos correspondentes. (Ver segunda regra do item “Quando usar minúsculas”, p. 137.)

Em nomes de unidades estratigráficas, ciclos orogênicos, etc., ainda que informais.

17

Pronúncia de algumas palavras

Embora possam não constituir problema na redação, certos termos geram dúvida na hora de serem pronunciados, como na apresentação oral de trabalhos em congressos, aulas, etc. Alguns desses casos são apresentados a seguir.

Bauxita

A pronúncia culta é *baucsita*, a exemplo do francês *bocsite*. A palavra deriva de *Les Baux*, povoação da França. Segundo Antônio Houaiss, porém, prevalece no Brasil a pronúncia *bauchita* e é esta que ele e Sacconi (1989) recomendam. O Aurélio diz que é comum *bauchita*, mas prefere *baucsita*.

Circuito, fluido, fortuito, gratuito, intuito

A vogal tônica de todas essas palavras é o *u*, não o *i* (*gratúito*, *fortúito*, etc., mas *fluídico*, de *flu-i-dez*). Por isso é que não são acentuadas.

Dextrogiro/levogiro

No meio geológico, ouve-se muito *dextrógiro* e *levógiro* (proparoxítonas). Na pronúncia correta, porém, a sílaba tônica é a penúltima (*gi*). Escreva, pois, *levogiro* e *dextrogiro*, como está nos dicionários. Se a pronúncia correta lhe parecer inaceitável, pelo menos na escrita siga a regra.

Enclave/Encrave

Conforme se vê no *Aurélio*, não procede a atitude de certos geólogos que condenam o emprego de *enclave*, afirmando ser *encrave* o

18

Números

Não há regras rígidas para o emprego dos números, embora algumas sejam seguidas pela maioria das pessoas.

Números por extenso

Não inicie frases com algarismos.

Ex.: *Quarenta e cinco* anos atrás foi criada a CPRM.

Escreva por extenso os números ordinais e cardinais constituídos de um só vocábulo (numerais simples) e em algarismos os demais (numerais compostos).

Ex.: Havia *cinco* geólogos que, somados aos demais membros da equipe, totalizavam 22 pessoas.

O *primeiro* colocado fez um número de pontos quase igual ao do *11º*.

Se os numerais *milhões*, *bilhões*, etc. forem precedidos de numerais compostos, estes serão escritos em algarismos, desde que não iniciem frase; do contrário, serão grafados por extenso.

Ex.: [...] *212 milhões*, [...] *6,3 bilhões*, *Vinte e um milhões* [...], *Meio trilhão* [...].

Quando for necessário escrever o mesmo valor em algarismos e por extenso (como em recibos), use sempre os algarismos em primeiro lugar.

Ex.: *R$ 15.000,00* (*quinze mil reais*).

Nomes coletivos no singular exigem verbo no singular.

19

Unidades de medida e seus símbolos

As unidades de medida e seus respectivos símbolos têm seu uso regulamentado por normas brasileiras e internacionais, logo, não devem ser empregados de modo descuidado.

Os símbolos das unidades de medida não têm plural e devem ser escritos sempre sem ponto.

Ex.:

Unidades	*Símbolo*
litro(s)	ℓ ou L (e não *l*, *lts*., *ltrs*.)
grama(s)	g (e não *gr*., *grs*. ou *grms*.)
quilômetro(s)	km (e não *Km*)
quilograma(s)	kg (e não *Kg*. ou *kgs*.)
metro(s)	m (e não *m*., *mt*. ou *mts*.)
hora(s)	h (e não *h*., *hrs*. ou *hs*.)
minuto(s)	min (e não *m*., *ms*. ou *mts*.)
segundo(s)	s (e não *seg* ou *sgs*)
metro(s) quadrados(s)	m^2 (e não *mq*)
centímetro(s) cúbico(s)	cm^3 (e não *cc*)
quilate(s)	ct (ver regra sobre a massa das gemas na p. 154)
hertz	Hz (não use *ciclos/segundo*)
volt	V
watt	W
quilowatt	kW

Notas:

a] uma versão das *Instruções aos Autores* da antiga *Revista Brasileira de Geociências* (s.d.) dizia que *os símbolos das unidades de medida devem ser escritos em minúsculas*, o que é uma gene-

20

Conjugação de alguns verbos

Nossa língua tem cerca de 11.000 verbos, dos quais mais de 10.000 são da primeira conjugaçãoo (Cegalla, 1979, p. 125). Também pertencem à primeira conjugação os verbos que constituem neologismos.

Todos os verbos são palavras oxítonas no infinitivo.

Segundo Alberto Gosch [s.d.], o *Aurélio* registra apenas dois verbos terminados em *-xer* (*mexer* e *remexer*) e dois em *-cher* (*encher* e *preencher*).

A ampla predominância de verbos da primeira conjugação explica por que as dúvidas com relação às formas verbais surgem geralmente no uso das outras conjugações.

Abolir, colorir, demolir, esculpir, exaurir e explodir

Esses verbos só existem nas formas em que vem *e* ou *i* após a última consoante. Não há, portanto, a primeira pessoa do singular do presente do indicativo.

Ex.:

-	-
tu colores	tu explodes
ele colore	ele explode
nós colorimos	nós explodimos
vós coloris	vós explodis
eles colorem	eles explodem

(Para lembrar, pense assim: *Todos explodem*, *menos eu*.)

Adequar

Só se conjuga nas formas arrizotônicas, ou seja, naquelas em que a vogal tônica está fora da raiz (*adequ-*).

21

Emprego de alguns verbos

Achar/descobrir

Os verbos *achar* e *encontrar* devem ser, de preferência, usados para coisas que foram perdidas e estavam sendo procuradas. Para coisas cuja existência se desconhecia e que, por isso, não estavam sendo procuradas, prefira *descobrir*.

Adiar

Adiar é transferir para mais tarde. Se a mudança for para mais cedo, use *antecipar*.

Agradecer

Agradece-se algo a alguém.

Ex.: Ele *agradeceu-nos* o conserto do carro.

O diretor *agradeceu a ele* (ou *agradeceu-lhe*) a cópia do artigo.

Atingir

Atinge-se alguma coisa, não *a* alguma coisa.

Ex.: A equipe certamente *atingirá* seu objetivo no prazo previsto.

O projeto *atingiu* todos os seus objetivos.

O *Houaiss* admite o uso como verbo transitivo indireto quando significa acumular, somar ou elevar-se até.

Ex.: A temperatura *atingiu* (a) graus elevadíssimos.

A inadimplência *atinge* (a) percentuais inéditos.

Cometer

Com *erro*, *falta*, *engano*, *injustiça*, *pecado*, *infração* e outros substanti-

22

Alguns casos de concordância

Definição

Concordância é o princípio sintático segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam, nas suas flexões, com as palavras de que dependem... (Cegalla, 1979, p. 286).

A maioria dos erros de concordância são cometidos por distração ou por falta de revisão.

Ex. (reais): *A cada ano as reservas são aumentadas e, em alguns casos, compensou o que foi lavrado no mesmo período* (em lugar de *compensaram o que foi lavrado*).

Muitos costumes da festa do deus Sol chegou até nós (em vez de *chegaram até nós*).

Há situações, porém, em que a concordância é mais complexa, admitindo duas construções. Nesses casos, deve-se optar por aquela mais adequada em termos de eufonia, clareza e bom gosto (Cegalla, 1979).

Concordância nominal

O adjetivo que se refere a dois ou mais substantivos de gênero ou número diferentes e que vem após eles poderá concordar no masculino plural ou com o substantivo mais próximo.

Ex.: Comprei berilos e turmalinas *rosados*.

Comprei berilos e turmalinas *rosadas*.

Se, ao contrário, dois ou mais adjetivos referem-se a um só substantivo, há duas opções também.

Ex.: As duas rochas mostram claras semelhanças nas *composições* química e mineralógica.

23

Sinais de pontuação

Não há uniformidade, entre os escritores, quanto ao emprego dos sinais de pontuação, não sendo possível traçar regras absolutas sobre o assunto (Cegalla, 1979, p. 38).

Ponto

Sinal de uso frequente, mas que não costuma gerar muitas dúvidas. Textos técnicos devem ser concisos e objetivos, dando-se preferência a frases curtas. Por isso, na dúvida entre usar ou não ponto, use-o.

Não use ponto no final de títulos.

Quando se usam parênteses no final de uma frase, o ponto geralmente fica fora deles.

Ex.: Os diques de lamprófiro não são muito raros (pelo menos nos granitos mais antigos).

Entretanto, quando a informação dentro dos parênteses constitui uma frase completa, independente, o ponto fica dentro.

Ex.: Os diques de lamprófiro não são raros nos granitos mais antigos. (Na zona norte, há granitos arqueanos que mostram diques dessa natureza.)

Vírgula

Esse sinal é muito importante e deve ser usado corretamente, sob pena de, algumas vezes, mudar o sentido da frase, até mesmo o invertendo. Ao contrário do ponto, em caso de dúvida é melhor não usá-la. Se você aprendeu que a vírgula marca uma pausa de curta duração, acredite, mas não leve isso ao pé da letra. Há casos em que se faz

24

Acentuação gráfica

A acentuação no português é um horror (Almeida, 1993, p. 131).

Para acentuar corretamente, lembre inicialmente que:

- hiato é o encontro de duas vogais que pertencem a sílabas diferentes. Ex.: *bainha*, *crocoíta*, *realgar*.
- ditongo é o encontro de duas vogais que pertencem à mesma sílaba. Ex.: *água*, *demantoide*, *piroxênio*, *fáceis*.
- ditongo crescente é aquele em que a segunda vogal é mais forte que a primeira. Ex.: *quadrícula*, *quartzo*, *guanita*, *substância*, etc.

Para saber qual a vogal mais forte, tente pronunciar a palavra sem uma delas e, depois, sem a outra. A forma mais parecida com a correta é a que possui a vogal mais forte. Ex.: *garaná* é mais parecido com *guaraná* que *guraná*. Logo, o *a* é mais forte que o *u* nessa palavra e o ditongo é crescente.

Palavras proparoxítonas

Acentue todas.

Ex.: *hábito*, *Geoquímica*, *magnético*, etc.

Acentue também as proparoxítonas eventuais (paroxítonas terminadas em ditongo crescente).

Ex.: *frequência*, *cálcio*, *anfibólio*, *róseo*, etc.

Palavras paroxítonas

Acentue aquelas terminadas em:

-ã, *-ão*, inclusive no plural. Ex.: *ímã*, *órgãos*, etc.;

-i, inclusive no plural. Ex.: *júri*, *lápis*, *ianomâmi*, *biquíni*, *cáqui*, *garibáldi*, etc.;

25

Crase

O mau uso da crase é um dos erros mais comuns em nossa língua.

A grande maioria desses erros decorre do fato de não se saber o que é a crase ou, o que é pior, de se saber mas não se usar esse conhecimento.

Artigos e preposições

O artigo é uma palavra variável que antecede o substantivo, definindo seu gênero (masculino ou feminino) e seu número (singular ou plural).

Ex.: *o* martelo, *a* bússola, *os* granitos, *as* gemas (artigos definidos); *um* martelo, *uma* bússola, *uns* granitos, *umas* gemas (artigos indefinidos).

A preposição é uma palavra invariável que rege o nome, o pronome ou outro elemento que a segue (*Aurélio*).

Ex.: Eles viajaram *a* serviço.

O desenho feito *a* lápis ficou ilegível.

Voltamos *para* Porto Alegre.

As preposições são numerosas, mas, com relação à crase, só interessa a preposição *a*.

O que é a crase

A preposição *a* tem um *sósia*, que é o artigo definido, feminino, singular *a*. Quando se junta a preposição *a* com o artigo *o*(*s*), obtém-se a combinação *ao*(*s*).

Ex.: Assisti *ao* Congresso de Geologia.

Quando se junta a preposição *a* com o artigo *a*(*s*), obtém-se a contração *à*(*s*), que é como se representa a união *a* + *a*(*s*).

Ex.: Assisti *à* Semana de Debates Geológicos.

Note que, nesses casos, a crase nem sempre corresponde a uma contração.

Ex.: cheirar *à gasolina*, ver *à distância*, receber *à bala*.

Crase opcional

Antes dos possessivos (*meu*, *teu*, *seu*, *minha*, etc.), pode-se usar artigo ou não.

Ex.: *Minha* bússola é muito boa.

A minha bússola é muito boa.

Desse modo, ficará a critério do autor usar crase ou não. A tendência atual é usar o artigo e a crase.

Ex.: Refiro-me *a sua* bússola.

Refiro-me *à sua* bússola (tendência atual).

Naturalmente, não haverá crase se o possessivo antecedido de *a* for seguido de substantivo feminino no plural ou masculino.

Ex.: Refiro-me *a seu* martelo.

Refiro-me *a suas* amostras.

Nota: a liberdade de usar ou não artigo nesses casos não significa que se possa ora usá-lo, ora não. Faça sua opção e mantenha o critério adotado do início ao fim de seu texto.

O feminino de *galo* é *galinha* e um galo pequeno é chamado de *pinto*. Ora, isso contraria a lógica. O feminino de galo deveria ser *gala* e *galinha* deveria ser simplesmente diminutivo. Ou seja, em um galinheiro deveria haver os galos e as galas, com seus filhotes, os galinhos e as galinhas. E *pinto* serviria para designar outra coisa. Como, aliás, qualquer criança sabe.

Pércio de Moraes Branco, *Eta Língua Complicada*!

vocabulário

Estão relacionadas a seguir cerca de mil palavras e locuções escolhidas entre as que se julgou com maiores possibilidades de serem empregadas de modo errado.

Estão incluídos sobretudo nomes de minerais e rochas; substantivos compostos ou que podem gerar dúvida quanto ao emprego do hífen; termos estrangeiros sem tradução e diversos outros vocábulos de uso comum que são frequentemente mal-empregados, muitos deles analisados em outros capítulos deste guia.

abalizado
abscissa
acriano ou acreano
aerocintilometria
aeroeletromagnético
aerofoto
aerofotografia
aerofotogrametria
aerogamaespectrometria
aerogeofísica
aerólito
aeromagnético
aeromagnetometria
aerossol
aerotransportado
aficionado (e não aficcionado)
água-marinha (pl. águas-marinhas)
alasquito
alcalifeldspato (melhor que K-feldspato)
alfanumérico
allanita (melhor que alanita; não use ortita)
alto-forno (pl. altos-fornos)
aluminossilicato
aluvião (use como s. f.)
amarelo-limão (adj. pl. amarelo-limão)
amarelo-ouro (adj. pl. amarelo-ouro)
amarronzado (melhor que amarronado)
analisar
análise
anatásio (não use octaedrita)
andaluzita
angstrom (melhor que angström ou ångström)
annabergita
ano-base (pl. anos-base ou anos-bases)
ano-luz (pl. anos-luz)
anorogênico (e não anarogênico)
anquimetamorfismo
Antártica ou Antártida
antártico, antárctico ou antártido
anteprojeto